

# Joseph Conrad

## A estalagem das Duas Bruxas

**Contos Completos Vol. I**

Traduzido do original inglês  
por Miguel Martins



## Índice

Uma cronologia de Conrad . . . . .	9
Os idiotas. . . . .	13
A lagoa . . . . .	41
Um entreposto do progresso . . . . .	59
Karain: uma recordação . . . . .	91
O regresso . . . . .	141
Juventude: uma narrativa . . . . .	205
Amy Foster . . . . .	247
Amanhã. . . . .	283
Gaspar Ruiz: Uma História Romântica. . . . .	317
Contos da inquietação. Nota do Autor . . . . .	383
Uma bibliografia dos contos . . . . .	389

## Amy Foster

Kennedy é um médico de província e vive em Colebrook<sup>(49)</sup>, no litoral de Eastbay. Os terrenos elevados que se erguem abruptamente atrás dos telhados vermelhos da pequena vila apertam a sua pitoresca rua comercial contra a muralha que a defende do mar. Para lá do paredão, a praia de cascalho desértica descreve uma curva durante milhas, numa extensão ampla e regular, com a vila de Brenzett a destacar-se sombriamente do outro lado da água, como um pináculo num aglomerado de árvores; e ainda mais adiante, a coluna perpendicular de um farol, parecendo, ao longe, não ser maior do que um lápis de grafite, marca o ponto em que a terra desaparece. Os campos atrás de Brenzett são baixos e planos, mas a baía está bastante bem abrigada do mar e, ocasionalmente, um grande navio, empurrado pelos ventos ou devido à pressão de uma intempérie, recorre ao ancoradouro situado dois quilómetros e meio a norte de alguém que esteja na porta das traseiras da «Pousada dos Navios», em Brenzett. Aí perto, um moinho de vento em ruínas, erguendo os seus braços despedaçados numa colina não mais alta do que uma pilha de lixo, e uma torre Martello<sup>(50)</sup>, situada à beira-mar, oitocentos

---

<sup>(49)</sup> Povoação ficcional no Sudeste de Inglaterra. (N. T.)

<sup>(50)</sup> Pequenas fortalezas costeiras cujo nome deriva de uma torre existente em Mortella, na Córsega. (N. T.)

metros a sul das cabanas da Guarda Costeira, são conhecidas pelos capitães de pequenas embarcações. São estes os marcos de navegação oficiais relativos à área de fundos fiáveis representada nas cartas náuticas por uma oval irregular constituída por pontos que contém vários números seis, com uma âncora minúscula impressa no meio deles, e a legenda «lama e conchas» por cima disso tudo.

O cimo do planalto sobrepuja a torre quadrada da igreja de Colebrook. A sua encosta é verde e nela serpenteia uma estrada branca. Ao subirmos por essa estrada, chegamos a um vale largo e pouco profundo, uma vasta e verde depressão composta por prados e sebes que, terra adentro, se fundem formando um panorama com tonalidades arroxeadas e linhas sinuosas que delimitam essa vista.

É neste vale, desde Brenzett e Colebrook até Darnford, a vila onde há um mercado, a vinte e dois quilómetros de distância, que trabalha o meu amigo Kennedy. Ele começara a sua vida de médico na Marinha e, posteriormente, acompanhara um viajante famoso, na época em que ainda havia continentes com o interior inexplorado. Os seus artigos acerca da fauna e da flora tinham-no tornado conhecido pelas sociedades científicas. E agora fora exercer para a província – por opção sua. Imagino que a capacidade de raciocínio da sua mente, actuando como um líquido corrosivo, lhe tivesse destruído a ambição. A sua inteligência é de ordem científica, com hábitos de investigação e com aquela curiosidade insaciável que acredita que todos os mistérios contêm uma partícula de uma verdade geral.

Há já muitíssimos anos, quando regresssei do estrangeiro, ele convidou-me para ficar em sua casa. Aceitei de imediato, e dado que não podia negligenciar os seus pacientes para me fazer companhia, ele levava-me nas suas voltas – por vezes, de quase cinquenta quilómetros numa tarde. Eu esperava-o nas estradas; o cavalo procurava alcançar os ramos folhosos e, sentado no cabriolé, eu conseguia ouvir o riso do Kennedy através da porta entreaberta de uma qualquer moradia. Ele tinha uma gargalhada grande e sadia, que mais parecia de um homem com o dobro do

seu tamanho, um comportamento enérgico, uma cara bronzeada e um par de olhos cinzentos e profundamente atentos. E tinha a capacidade de fazer com que as pessoas lhe falassem livremente e uma paciência inesgotável para lhes ouvir as histórias.

Certo dia, ao sairmos a trotar de uma grande aldeia, entrando num troço de estrada sombrio, vi, à nossa esquerda, uma moradia baixa e escura com vidros em losângulo nas janelas, uma trepadeira na parede das traseiras, cobertura de telhas e com algumas rosas a subirem pela treliça decrépita do alpendre minúsculo. Kennedy parou junto ao caminho. Debaixo de um sol intenso, uma mulher estava a colocar um cobertor encharcado em cima de uma corda estendida entre duas velhas macieiras. E enquanto o alazão de cauda curta e pescoço comprido, tentando tocar na cabeça, movimentava a pata esquerda, coberta por uma espessa proteção de camurça, o médico ergueu a voz por sobre a cerca:

— Como é que está o teu miúdo, Amy?

Tive tempo para ver a cara dela, sem graça e avermelhada, que não estava coberta por um rubor, parecendo antes que as suas bochechas lisas tinham sido vigorosamente esbofeteadas, e para contemplar a sua figura atarracada e o cabelo castanho, ralo e empoeirado, preso com um nó apertado na parte de trás da cabeça. Parecia bastante nova. Com uma respiração claramente difícil, a sua voz parecia baixa e tímida.

— Está bem, obrigada.

Voltámos a trotar.

— É uma jovem paciente tua? — disse eu.

E o médico, chicoteando distraidamente o alazão, murmurou:

— O marido dela costumava ser.

— Parece uma criatura insípida — observei eu, com indiferença.

— Precisamente — disse o Kennedy. — É muito passiva. — Basta olharmos para as mãos avermelhadas, a penderem daqueles braços curtos, e para os seus olhos castanhos, lerdos e salientes, para nos apercebermos da inércia da sua mente; uma inércia que se poderia pensar que a manteria permanentemente a salvo de todas as surpresas da imaginação. E, contudo, qual de nós é

que está a salvo disso? Em todo o caso, sendo ela como a viste, teve imaginação suficiente para se apaixonar. Ela é filha de um tal Isaac Foster, que passou de pequeno agricultor a pastor, tendo o início dos seus infortúnios começado quando fugiu para se casar com a cozinheira do seu pai viúvo, um criador de gado, abastado e enfurecido, que retirou resolutamente o nome dele do seu testamento e que foi ouvido a pronunciar ameaças contra a sua vida. Mas essa velha questão, suficientemente escandalosa para servir de mote a uma tragédia grega, nasceu da semelhança das suas personalidades. Existem outras tragédias, menos escandalosas e com uma intensidade emocional mais subtil, que nascem de diferenças inconciliáveis e daquele medo do incompreensível que paira sobre todas as nossas cabeças... sobre todas as nossas cabeças...

O alazão, cansado, começou a andar a passo; e a orla do sol, completamente vermelho sobre um céu imaculado, tocou familiarmente no cume plano de uma colina arada perto da estrada, tal como, inúmeras vezes, eu o vira tocar no distante horizonte do mar. O castanho uniforme dos campos lavrados brilhava com uma tonalidade rosada, como se os seus torrões dispersos tivessem suado minúsculas pérolas de sangue provenientes da labuta de incontáveis lavradores. Vinda da berma de um bosque, uma carroça com dois cavalos avançava suavemente ao longo da cumeeira. Erguendo-se acima das nossas cabeças, contra a silhueta do céu, esta pairava sobre o sol avermelhado, triunfantemente grande, enorme, como uma carruagem de gigantes puxada por dois corcéis de passo lento e proporções lendárias. E a figura desajeitada do homem que caminhava lentamente diante do cavalo da frente projectava-se sobre o pano de fundo do Infinito com uma rusticidade heróica. A ponta do seu chicote de carroceiro tremulava sobre o azul dos céus. Kennedy discorria:

— Ela é a mais velha de uma família numerosa. Com quinze anos, meteram-na a trabalhar na Quinta de New Barns. Eu tratava da Sr.<sup>a</sup> Smith, a mulher do arrendatário, e foi lá que vi esta rapariga pela primeira vez. Todas as noites, a Sr.<sup>a</sup> Smith, uma

pessoa distinta, com um nariz pontiagudo, obrigava-a a usar um vestido preto. Não sei o que me levou a reparar nela. Há caras que nos chamam a atenção devido a uma curiosa falta de definição no seu aspecto geral, tal como, caminhando no meio da bruma, olhamos atentamente para uma forma imprecisa, que, afinal de contas, pode não ser mais curiosa nem mais estranha do que uma placa de sinalização. A única peculiaridade de que me apercebi nela era uma ligeira hesitação na fala, uma espécie de gaguez preliminar que desaparecia com a primeira palavra. Quando lhe falavam severamente, era capaz de perder logo a cabeça; mas tinha um coração extremamente bondoso. Nunca a tinham ouvido manifestar aversão a qualquer ser humano e era carinhosa para com todos os seres vivos. Era dedicada à Sr.<sup>a</sup> Smith, ao Sr. Smith, aos cães, aos gatos e aos canários destes; e quanto ao papagaio-cinzento da Sr.<sup>a</sup> Smith, as peculiaridades deste exerciam sobre ela um fascínio absoluto. Não obstante, quando esse pássaro extravagante, atacado pelo gato, guinchou a pedir ajuda com entoações humanas, ela fugiu para o pátio tapando os ouvidos e nada fez para evitar o crime. Para a Sr.<sup>a</sup> Smith, isso foi mais uma prova da estupidez dela; por outro lado, a sua falta de encanto, na perspectiva da frivolidade da Smith, bem conhecida, era um grande ponto a seu favor. Os seus olhos míopes enchiam-se de piedade por um pobre ratinho numa ratoeira e, certa vez, uns rapazes tinham-na visto de joelhos, na relva molhada, a ajudar um sapo em dificuldades. Se é verdade, como disse um alemão qualquer, que sem fósforo não há pensamento, é ainda mais verdade que não existe bondade no coração sem uma certa dose de imaginação. Ela tinha alguma. Tinha, inclusive, mais do que era necessário para compreender o sofrimento e para se comover com a piedade. Apaixonou-se em circunstâncias que não deixam lugar a dúvidas quanto a isto, porque é preciso imaginação para termos sequer ideia do que é a beleza e ainda mais para descobrirmos o nosso ideal sob uma forma desconhecida.

»O modo como adquirira esta capacidade, e o que a alimentava, é um mistério inescrutável. Ela nascera numa aldeia

e nunca estivera mais longe dela do que em Colebrook ou, porventura, em Darnford. Vivera durante quatro anos com os Smiths. New Barns é uma propriedade isolada, a um quilómetro e meio da estrada, e ela contentava-se em olhar, dia após dia, para os mesmos campos, vales e montes, para as árvores e para os arbustos, para as caras dos quatro homens, sempre os mesmos, que viviam na quinta – dia após dia, mês após mês, ano após ano. Nunca manifestou desejo de conversar e, parecia-me, não sabia sorrir. Por vezes, em bonitas tardes de domingo, vestia as suas melhores roupas, calçava um par de botas robustas, punha um grande chapéu cinzento enfeitado com uma pena negra (já a vi com esse vestuário elegante), pegava numa sombrinha absurdamente pequena, passava por cima de duas vedações e percorria três campos e cento e oitenta metros de estrada – nunca indo mais longe do que isso. Era aí que ficava a moradia dos Foster. Ela ajudava a mãe a dar o lanche aos filhos mais novos, lavava a louça, beijava os pequenitos e regressava à quinta. E era tudo. Quanto ao mais, à variação, ao relaxamento, parecia nunca desejar nada disso. E depois apaixonou-se. Apaixonou-se de maneira silenciosa e obstinada – e, porventura, irremediável. Isso ocorreu aos poucos, mas quando se consumou foi como que um feitiço poderoso; foi um amor tal como os antigos o entendiam: um impulso irresistível e fatal – ficou possuída! Sim, ela era susceptível de ficar fatalmente obcecada e possuída por um rosto, por uma presença, como se fosse uma pagã adoradora das formas sob um céu jubiloso – e de ser, finalmente, despertada daquele misterioso esquecimento de si mesma, daquele encantamento, daquele arrebatamento, por um medo que se assemelhava ao inexplicável terror de uma fera...»

Com o sol a pairar baixinho no seu limite ocidental, a vastidão dos prados, enquadrada pelas contra-escarpas das elevações do terreno, assumia um aspecto fantástico e melancólico. Uma sensação de tristeza penetrante, como a que é inspirada por uma toada musical grave, emanava do silêncio dos campos. Os homens que encontrávamos passavam lentamente por nós, sem sorrir e com olhos tristes, como se a melancolia de uma terra

sobrecarregada lhes pesasse nos pés, lhes curvasse os ombros e lhes abatesse os olhares.

— Sim — disse o médico quando lhe fiz esta observação —, poder-se-ia pensar que a terra está amaldiçoada, dado que, de todos os seus filhos, aqueles que se agarram mais a ela têm corpos deselegantes e andares pesados, como se os seus próprios corações estivessem carregados de correntes. Mas aqui, nesta mesma estrada, poderia ter visto, no meio destes homens pesados, um ser gracioso, flexível e de membros compridos, direito como um pinheiro, vendo-se na sua aparência alguma aspiração a elevar-se, como se, dentro dele, o coração estivesse a flutuar. Talvez isso fosse apenas resultado do contraste, mas quando ele passava por um destes aldeões, as solas dos seus pés não me pareciam tocar no pó da estrada. Ele saltava por cima das vedações, andava por estas encostas com passos compridos e elásticos que o tornavam reconhecível a grande distância, e tinha uns olhos negros e brilhantes. Era tão diferente das pessoas daqui que, com a sua liberdade de movimentos, com o seu olhar suave e um pouco espantado, com a sua tez azeitonada e com a sua postura graciosa, o seu ser me sugeria ter a natureza de uma criatura dos bosques. Mas ele veio dali.

O médico apontou com o seu chicote e, a partir do cume da ladeira, olhando por cima das ondulantes copas das árvores de um parque ao lado da estrada, via-se, muito abaixo de nós, a superfície do mar, que parecia o chão de um enorme edifício, incrustado com bandas de ondas escuras, com rastos de brilho imóvel e terminando numa faixa de água vítrea no sopé do céu. Um fumo ligeiramente esbatido, proveniente de um navio a vapor invisível, desvanecia-se sobre a grande claridade do horizonte como se fosse a bruma de uma respiração sobre um espelho; e, perto da costa, as velas brancas de um barco de cabotagem, que pareciam desenredar-se lentamente de debaixo dos ramos, flutuavam para longe da folhagem das árvores.

— Naufragou na baía? — disse eu.

— Sim; era um náufrago. Um pobre emigrante da Europa Central que se dirigia para a América e que, durante uma

tempestade, dera à costa aqui. E para ele, que não sabia nada do mundo, a Inglaterra era uma região inexplorada. Levou algum tempo a aprender o seu nome e, tanto quanto sei, poderá ter esperado encontrar aqui animais selvagens e homens selvagens, quando, rastejando às escuras por cima de um paredão, rolou pelo outro lado abaixo, caindo numa vala, onde voltou a ser um milagre não se ter afogado. Mas ele lutou instintivamente, como um animal preso numa rede, e essa luta cega levou-o até a um campo. Com efeito, devia ser de uma têmpera mais dura do que parecia para suportar sem perecer aquela tarefa, a violência dos seus esforços e um medo tão grande. Mais tarde, no seu inglês macarrónico, que, curiosamente, parecia a maneira de falar de uma criança pequena, ele próprio me disse que se entregou nas mãos de Deus, acreditando já não estar neste mundo. E, na verdade – acrescentaria ele –, como é que poderia saber? Lutara de gatas contra a chuva e contra a ventania e acabara por rastejar no meio de umas ovelhas que estavam amontoadas, abrigando-se debaixo de uns arbustos. Estas afastaram-se em todas as direcções, balindo na escuridão, e ele congratulou-se com o primeiro som familiar que ouviu nesta costa. Nessa altura, deviam ser duas da manhã. E isto é tudo quanto sabemos acerca da sua chegada, conquanto não tivesse vindo, de modo algum, sozinho. Só que a sua horrível companhia só muito mais tarde, nesse dia, é que começou a dar à costa...

O médico agarrou nas rédeas, estalou a língua e trotámos pela colina abaixo. Depois, descrevendo, quase de imediato, uma curva acentuada e entrando na rua comercial, chocalhámos sobre o empedrado e chegámos a casa.

Ao final da tarde, Kennedy, quebrando um feitiço de melancolia que lhe sobreviera, regressou à história. Fumando o seu cachimbo, percorria a sala de uma ponta à outra. Um candeeiro de leitura concentrava toda a sua luz sobre os papéis que estavam em cima da secretária; e, sentado junto à janela aberta, depois do dia sem vento e abrasador, eu olhava o esplendor gélido de um mar enevoadado e imóvel sob a lua. Nem um sussurro, nem um respingo, nem um movimento do cascalho, nem um passo,